

O QUARTO DOS DRAGÕES

Breno Pannia Espósito

*There are profounder wishes:
such as the desire to converse with other living things.*

J.R.R. Tolkien
On fairy-stories

Direitos Autorais Reservados para Breno Pannia Espósito (2004).

Obra registrada na Biblioteca Nacional sob o número de registro 310.782, Livro 566, Folha 442, lavrado em 4 de fevereiro de 2004.

<http://www.wolfstar.com/~infolobo/quarto/>

Parte I	Nidus Aquilarum
Parte II	Tarrajcalo
Parte III	Salúquin
Parte IV	Paradiso Voluntatis
Parte V	Terræ

Parte I — *Nidus Aquilarum*

O Dr. Matthaus acabava de sair do seu turno, novamente com aquela estranha sensação de desolação que, segundo ele, a paisagem pétrea de Styx tinha o poder de incutir nas pessoas. A pedra escura e fria sobre a qual estava sentado, no limiar da zona habitada de Nidus Aquilarum, às margens do grande deserto do Oeste, apenas aumentava-lhe a impressão de estar só.

No início, ele pensava que a mudança súbita de emprego o tinha predisposto às reações depressivas. Tinha até bons fundamentos; embora não fosse psicólogo, supunha que havia sido drástico demais o abandono das quatro paredes sólidas e do laboratório de temperatura previsível da estação de A-Styx, onde nascera, se educara, e até há pouco ganhara o seu sustento, em troca de um mundo excessivamente real, que ainda opunha aos homens seus últimos esforços para deixar de ser habitável. Até chegara a atribuir a Styx, às pedras e às suas areias — esse inferno duro e vermelho! — uma personalidade onisciente e destrutiva, que só esperava o menor descuido dos técnicos para deitar por terra quarenta e três anos de paciente trabalho.

O Dr. Matthaus estava estressado.

Apesar de cansado, não foi direto aos seus aposentos. Seu relógio dava seis horas da tarde. Além de toda a falta de beleza que aquele planeta oferecia, pensava, ainda tinha que digerir a última bronca da chefe da sua equipe, bronca essa que o apanhara especialmente mal disposto, num momento de baixa anímica.

— As salinas! — bradara de seu posto, diante de um monitor qualquer, a Dra. Noscese.

— Unhm??

— Matthaus! As salinas!

— Que têm as salinas?

A mente do meteorologista apressava-se em voltar de outra galáxia.

— Elas estão abertas!

Logicamente que estavam abertas; ele mesmo as abrira naquela manhã! Qual era o problema com a Dra. Noscese?

Ela não parecia nervosa, reparara Matthaus, mas estranhamente sobressaltada, como se estivesse sendo frustrada na expectativa de algo óbvio. Estava com a testa franzida, como repararam os que estavam ao redor, diante dos seus respectivos monitores, e que passaram a se interessar pela pequena cena.

Como o Dr. Matthaus continuasse mudo, ele mesmo espantado com o espanto da sua chefe, a Dra. Noscese levantou-se, avançou dois passos e deu algumas cutucadas na tela do colega.

Em transe, Matthaus reparou num aviso vermelho piscando monotonamente, anunciando a previsão do tempo.

Iria chover, e forte, sobre Nidus Aquilarum. E isso não era bom para as suas salinas.

— Oh meu Deus... — gemeu o cientista.

Sua colega enterrou a face nas duas mãos espalmadas, ao lado do seu monitor. Os dois ficaram sem ação, e sem palavras, por alguns instantes.

— Lola... agora não posso dar marcha a ré... essa tempestade vai danificar todo o meu sistema!

— Essa tempestade estava prevista há duas semanas, Mat! — sussurrou sua chefe, encarando-o de repente.

Matthaus tentava balbuciar alguma coisa.

— Você sabe, Mat, o trabalho que dão essas tempestades.

Ele acenou concordância, sem olha-la nos olhos.

— E sabe o que o pessoal lá em cima vai pensar disso, não sabe?

Novo sinal de cabeça. Mais um ponto a favor de Anthony Hermann.

Noscese tornou a cobrir o rosto com força, e afinal chegou a uma conclusão. Tomou o comunicador da própria estação do colega e apertou alguns botões. Então, a face de um militar corpulento, trajando o uniforme da climatogênese, surgiu na tela do monitor.

— Bom dia, Lola! Bom dia, Mat!

O volume do comunicador estava ao máximo, e toda a sala estava ouvindo. Mas Noscese não parecia importunada com isso.

— Temos problemas, Pavlus. — disse ela, sem retribuir ao cumprimento — Nossas salinas estão abertas. Não podemos agüentar uma chuva hoje.

O rosto no monitor empalideceu, sem acreditar.

— Mas, como assim? — retrucou Pavlus — Isso já está agendado—

— Eu sei, eu sei! — cortou Noscese, rispida, para acrescentar num fiozinho de voz enervada — Mas isso não pode ser hoje, Pavlus.

As cores voltaram com violência ao rosto do chefe externo de meteorologia, que soltou alguns improperios enquanto apertava alguns controles no seu próprio monitor. Noscese o fitava de rosto duro, enquanto Matthaus desejava morrer como nunca antes.

— Isso não é correto... — murmurava Pavlus, enquanto aferia alguns instrumentos — Isso não é correto! Vocês sabem quanto tempo eu levo para reunir uma tempestade como esta, não sabem? Isso... bem, bem, parece que..., sim, aqui está. Há uma chance ainda de desviá-la para o norte, onde não vai danificar nada. *E nem ajudar nada!* Uma tempestade desperdiçada!

— Obrigada, Pavlus. Enviaremos um novo planejamento assim que possível.

— Oh, céus... — suspirou o oficial, vendo sua preciosa tempestade desaparecendo dos cálculos de Adaptação — Espero que o *seu* planejamento seja melhor da próxima vez!

— Não se preocupe, Pavlus.

O pastor das tormentas grunhiu algo, saudou a chefe com o gesto do protocolo e desligou seu próprio monitor mais rápido do que Noscese.

Os circunstantes já aguardavam, anteviam e antegozavam o palavrório que falhas desse tipo fatalmente arrancavam à colérica Mãe Ursa. Com apenas dois assentamentos científicos no planeta, nunca ocorria nada para divertir os técnicos da equipe de climatogênese da estação Nidus Aquilarum. Apegavam-se instintivamente ao primeiro evento extraordinário que lhes quebrassem a monotonia. Alguns até se perguntavam como é que, tendo pensado em tudo, os promotores do Programa não haviam previsto uma das dificuldades mais óbvias do trabalho naquele deserto, pior que o dióxido de enxofre atmosférico ou o amoníaco dos mares: o tédio, o milenar tédio, o tédio que alimenta a indolência e dela se alimenta, grande companheiro do homem ocioso e incansável protetor da humanidade contra qualquer espécie de evolução.

Um pouco mais desculpados, portanto, pelo interesse mórbido que tinham no diálogo entre chefe e subordinado, meia dúzia de pares de olhos ansiosos esperavam a tempestade.

Que não tardou:

— Que diabos, Mat! Você sabe quanto custa esse tipo de mudança? Você quer o m... do Hermann comendo meu fígado?

Anthony Hermann, um dos maiores naturalistas de A-Styx e renomado professor de geofísica da Universidade Frenkel, era por aquela época o Presidente Geral do Programa Novitatis, que envolvia vários subprogramas destinados, em última análise, a transformar o planeta Styx num local habitável para os dois milhões de seres humanos que viviam nas estações Kazav, na órbita do planeta do mesmo nome, ainda no mesmo Sistema Canaris.

A Dra. Noscese odiava-o por mera obra do acaso: o Programa contava com a equipe de climatogênese apenas como mais uma dentre trinta e tantas outras, cada uma voltada para a solução dos vários problemas técnicos e sociais que surgiriam da instalação de todo esse contingente populacional num mundo onde, apenas meio século antes, se respirava ácido sulfúrico. Pois bem, Noscese e Tony “Plutão” Hermann tinham a mesma formação acadêmica e, segundo a forma de pensar do Presidente, isso era motivo suficiente para lhe garantir que qualquer comentário ou sugestão sua seria recebida com especial reconhecimento e gentil gratidão pelo pessoal de terra.

Isso, naturalmente, não poderia durar muito tempo, pois o próprio Hermann teria podido imaginar que uma pessoa com o temperamento da Dra. Noscese não precisaria se esforçar muito para que os outros conhecessem os seus desafetos. Tiveram os dois vários atritos lamentáveis, que apareceriam nos anais das reuniões do Projeto como “discrepância de pareceres”. O fato é que o parecer do Dr. Hermann era endossado pelas suas iniciais de “P.G.”, e sua formação em Frenkel lhe abria as poucas portas que o cargo não lhe permitia tocar diretamente. Assim é que pareceu ter calculado o mínimo estritamente necessário para a instalação de Nidus Aquilarum sobre o planeta,

para em seguida retirar um pouquinho desse mínimo, e mandar descer a Dra. Noscese e os seus asseclas.

A fúria da Dra. Noscese contra seu chefe atingia, às vezes, píncaros de refinamento poético:

— Você sabe por que este planeta se chama Styx? Não? Porque é o rio que nos separa do Hades que é aquele penico espacial (referindo-se a A-Styx), onde habita Plutão e seu exército de coliformes.

Embora, normalmente, sua bÍlis fluísse por meios mais ordinários:

— Como é que ainda não processaram a mãe do Hermann por crime contra a humanidade?

Ambos eram muito bons nas suas respectivas áreas, e o que poderia ter sido uma grande ocasião de aproximação com envolvimento mais duradouros transformou-se, pelo desabrimento de uma e pela arrogância do outro, numa tensão irreconciliável.

Cujos efeitos Matthaus vivenciaria em quase todos os dias desde que pisou em areia pela primeira vez, pois sempre que algo se sobressaía da rotina do “Ninho”, quase sempre para pior, uma responsabilidade de Anthony Hermann era sempre milagrosamente descoberta, com o subseqüente acréscimo em fealdade e reprobabilidade.

Sentado ali sobre aquele pequeno banco de pedra, por uma fração de segundo, veio à memória do Dr. Matthaus a discussão que a sua chefe tivera, dois dias atrás, com a técnica do teletransporte de carga, que cometera o pecado de derramar café sobre uns pacotes de roupas especiais para mergulho. Noscese terminou a discussão com a insinuação absurda de que a técnica teria recebido “instruções *daquele* demente para sabotar nosso trabalho”. Matthaus sempre se lembraria do episódio como paradigma da proverbial tempestade em copo d’água. Ou de café.

Mas a última pergunta da Dra. Noscese ainda estava no ar, e Matthaus teve que aterrissar como pôde.

— Desculpe-me, Lola. Me distraí... ando meio avoado, sabe?

Ela acenou concordando, mas ainda dura. A Mãe Ursa parecia pouco maternal naquele momento.

— Droga, Mat! — murmurou, mais calma — Já o avisei de que seria bom você pedir umas férias. A rotina daqui debaixo é massacrante, e qualquer dia desses você faz uma besteira bem mais complicada de resolver.

Matthaus abaixou os olhos. Sabia que ela tinha razão; mesmo agora que o clima de Styx já estava praticamente consolidado, não podiam ainda se dar ao luxo de criar o primeiro desastre ecológico do planeta.

Aconchegou-se melhor na pedra. Ao tornar a contemplar o céu e acompanhar o pontinho luminoso de um cargueiro, veio-lhe à memória o dia em que fora apresentado ao padre Albertus, quando da sua penúltima visita de prestação de serviços aos interessados de Nidus Aquilorum. E sorriu pela primeira vez nas últimas três horas; era impossível separar a recordação desse fato da de outro episódio divertido, quando Matthaus surpreendeu um estranho desabafo de sua chefe após um enorme atraso dos três estagiários que voltavam do litoral. Em contadas vezes, como esta, ao invés da recriminação instintiva, Noscese era capaz de dizer com uma amabilidade heroicamente forçada: “Ai, ai, ai! Vocês vão acabar me levando para o Céu mais rápido desse jeito!”. Esse tipo de comentários era mais freqüente após as visitas mensais do pequeno sacerdote, a única pessoa do Sistema, segundo se acreditava, capaz de manter o bom humor após as quatro horas de vôo desde A-Styx imediatamente seguidas de mais sessenta minutos de conversa com a Dra. Noscese.

A apresentação do Dr. Matthaus tivera na verdade duas etapas. Nas preliminares, esbarraram acidentalmente na porta do teletransporte, onde o doutor voltara a colocar pela quinta vez na semana um aviso “*Feche a porta enquanto em uso*”. Não suportava o chiado arrepiante das bobinas daquela máquina abominável. Nisso, ia saindo o padre Albertus com sua escolta, em direção ao espaçoporto.

— Oh, boa tarde! — disse o homenzinho, estendendo a mão e um enorme sorriso atrás dela

— O senhor deve ser o Dr. Matthaus Keppler, não?

— Sim, sou eu. — respondeu o doutor, com laconismo não desejado.

— Muito prazer; eu sou o padre Albertus.

— Sim, penso que já havia visto o senhor por aqui algumas vezes. Para mim é um grande prazer conhecê-lo.

Matthaus se enervava um pouco com a etiqueta; não sabia o que se devia fazer quando se era apresentado a um sacerdote.

— Tenho ouvido falar muito do trabalho do senhor aqui entre a equipe de terra.

— Oh, espero que não tenha sido nas salas do Novitatis.

Os dois riram juntos.

— Posso garantir-lhe que o senhor ainda não deve ser tão famoso lá, ainda — disse Albertus, acenando com a cabeça para a sala de Noscese. — Se o senhor desejasse, poderíamos conversar mais na minha próxima estadia.

— Pois não; para mim será um grande prazer.

— Muito obrigado, Dr. Keppler. E boa tarde.

— Boa tarde, e boa viagem.

Vinte dias depois, ambos estavam conversando animados sobre problemas bem pouco técnicos. Matthaus comentou-lhe coisas de sua família, de um tio que não conhecia e que vivia em Kazav, e das diretrizes do Programa. Mas fez muitas perguntas ao pequeno homem, principalmente depois que notou que ele era realmente bastante receptivo. Como era a vida que levava, onde vivia, que lugares visitara, se era verdade que já estivera fora de Canaris uma vez, etcétera. Mostrou-lhe as partes permitidas do assentamento, e teve até um pequeno susto ao se lembrar de quão animado estava ao mostrar-lhe uma das suas secretas inflorescências de sal.

Rodeando a estação, havia alguns agregados de cascalho consolidados com areia, semelhantes a grandes cupinzeiros, que ocultavam no seu interior pequenos blocos salinos que o doutor discretamente pulverizava sobre as refeições, o que lhes realçava extraordinariamente o sabor. Parecia incrível, pensava ele, que ninguém ainda tivesse tido essa idéia, mas como tinha medo de parecer estranho, guardava para si esse brinquedo gustativo.

Naquela tarde, o padre Albertus voltava para A-Styx com alguns cristaizinhos no bolso e com a promessa de que faria o teste. E quando ele se foi, Matthaus sentiu-se novamente ali onde sempre estivera. Ou seja, só.

Sem perceber, o doutor se isolava de quase tudo, é certo, porém possuía curiosos ganchos com o mundo exterior, sendo o mais destacado dos quais uma avidez assombrosa por textos mitológicos, da antiqüíssima era greco-romana e das lendárias Terras do Norte. Excluindo-se a Dra. Noscese, que além de profissional competente recebera uma formação clássica mais requintada, Matthaus talvez fosse o único no Ninho a saber que o nome do planeta tinha um suporte cultural, que não era apenas uma espécie de sigla tecnocrática para se trabalhar mais comodamente, “S.T.Y.X.”

Durante os anos de Academia em A-Styx, Matthaus refugiara-se por noites a fio em contos heróicos como os de Hércules, Perseu, Apolo e Ícaro; admirava-se com o potencial das vontades ilimitadas de personagens poderosos como Odin, e de todo um universo habitado pelos seres mais improváveis, além da presença acessória de homens. Quando adolescente, caíra-lhe nas mãos uma antiga publicação, em papel, que viera há muito da Terra e que continha figuras das mais variadas espécies de dragões e outros monstros. Matthaus recortou essas figuras, que nunca mais abandonou, e a convivência com elas era sua válvula de escape do massacre silencioso do dia-a-dia. Por que elas tinham esse efeito, nunca quis ou tentou explicar. Secretamente, às vezes Matthaus completava os fragmentos de história que conhecia, e mais secretamente ainda, escondendo-se até de si mesmo, tentava dar-lhes uma armação poética. Todas essas figuras estavam espalhadas pelas paredes do seu aposento, desde o dia em que assumira seu posto junto à igualmente lendária equipe da Dra. Noscese, dois anos antes.

Matthaus já percebera inclusive que todas as manifestações humorais da sua chefe que faziam referência a dados mitológicos, como os relacionados com o nome do planeta, eram, além de relaxação de ânimo, uma sinalização de amizade e de interesse pelo colega, às quais Matthaus era atralhadamente agradecido. Exemplo disso era um episódio ocorrido três meses antes, quando

Hermann enviara um dos seus leões-de-chácara para fazer a rotineira vistoria semestral. Não era o já tradicional Dr. Yurevitch, bonachão e bastante chegado a vinhos bidestilados, que parecia ser uma das poucas pessoas que entendiam os pontos de vista da Dra. Noscese a respeito da ordem de prioridade conferida à equipe de climatogênese. Bastante menos suscetível que a colega, Yurevitch funcionava em A-Styx como uma espécie de agente facilitador dos assuntos que diziam respeito ao pessoal de Nidus Aquilarum, tendo a vantagem de contar com as boas graças de Hermann.

A diplomacia instintiva e afável de Yurevitch fora substituída, naquela última vistoria, pela sisudez do Prof. Alano, um esquelético físico solar cujas proporções costumavam causar problemas aos almoxarifados onde quer que fosse, que nunca dispunham de um macacão várias vezes mais alto do que largo.

Por coincidência, Noscese e Matthaus foram recebê-lo no pequeno espaçoporto de Nidus Aquilarum, e após as apresentações protocolares, tão logo Alano se afastara deles, Noscese cutucou seu colega, sussurrando:

— Ora viva, agora nos enviam nada menos que o próprio Caronte! De quem será a vez de atravessar na barca?

Mas agora, sentado numa rocha fria, ao mesmo tempo a meio caminho e fora da pista normal entre a estação e o sistema residencial, Matthaus contemplava a longa planície deitada diante de si, quebrada apenas, de tempos em tempos, por tufo rochosos brilhantes, formados por camadas escamosas de sal e areia avermelhada, a mesma que recobria as irregularidades do terreno. Apenas observava, enquanto por dentro tentava se convencer de que Lola não quisera magoá-lo naquela tarde, o que era verdade, e de que a origem do seu mal-estar deveria ser procurada mais para baixo e para dentro, no âmbito trancafiado das próprias convicções e projetos de vida.

O planeta lhe respondia com um vento leve, vindo das mesetas lá do horizonte, que de tão chatas não se distinguiam, a princípio, da própria planície.

Uma das raras manifestações de beleza proporcionadas pela natureza naquele rincão do infinito era o “pôr-do-Sol” da estrela Beta Canaris IV. O Dr. Matthaus não conhecia, nem sequer artificialmente, a sensação de fusão entre céu e terra no horizonte, entre a faixa vermelha embaixo e o manto arroxado por cima. No salpicado de pontos brilhantes do céu, destacavam-se as duas luas, Styx-1 e Styx-2 (Matthaus sempre quis esmurrar o funcionário que as batizara!) e a estrela mais próxima, Alfa Canaris IV, cujo fulgor chegava a produzir sombras em condições favoráveis. Às vezes, era possível enxergar o planetóide vizinho Kazav, quinto do sistema.

E aquele dia era um dos favoráveis. As planícies estereis de Styx absorviam rapidamente o disco de Canaris, e a avalanche da noite soterrava os grupos humanos do planeta, acompanhada do frio típico dos desertos, recordando a todos a necessidade primitiva de se recolherem.

Matthaus sabia que ainda dispunha de algum tempo de lusco-fusco, e casualmente observou Kazav, em cuja órbita sabia que viviam muitos semelhantes seus. Que são dois milhões de homens? O fato de Matthaus não conseguir se emocionar com a epopéia que a sua raça atravessara até chegar ao confinamento de parte de seus membros ao redor de um pedaço de pedra talvez fosse causado pela absoluta impotência da sua imaginação em conceber a existência de tanta gente e, mais ainda, ocupada em atividades que lhe pudessem ser familiares. E, não obstante, eram esses dois milhões de desconhecidos que lhe davam emprego agora!

Nidus Aquilarum estava sobre um continente em permanente oposição à estação A-Styx, de modo que Matthaus nunca podia ver como estava seu torrão natal, aquele paralelepípedo prateado a mais de mil quilômetros de altura. Algumas vezes procurava compensar essa ausência perambulando pelos arredores do laboratório, mantendo sempre uma distância prudente da zona inicial do deserto, onde fendas na rocha recobertas de agregados arenosos esperavam pacientemente por alguém disposto a conhecer suas entranhas. Essas armadilhas naturais limitavam o senso aventureiro do Dr. Matthaus (já de per si bastante inofensivo), uma vez que praticamente cercavam toda a região do assentamento, deixando livre apenas uma brecha em direção ao mar. Os laboratórios estavam instalados sobre um pequeno platô que, a despeito da pouca elevação, dominava toda a região desértica, encontrando concorrente apenas nas cordilheiras do horizonte.

Matthaus, de vez em quando, sentia um enorme e inexplicável desejo de conhecer o resto daquele mundo, e passava alguns dos seus momentos de descanso nutrindo fantasias inconfessadas de encontrar alguns daqueles seus bizarros companheiros de quarto materializados em alguma região misteriosa e inexplorada. Ele afastava esses assaltos rotulando-os de absurdos, mas eles sempre voltavam com a pertinácia das moscas.

Entretanto anoitecia cada vez mais rapidamente, e o doutor levantou-se e resolveu ainda dar uma passada numa das suas inflorescências de cristais já conhecidas.

Era um montículo de metro e meio de altura e a largura de uma cintura humana. Custou a Matthaus distinguir entre as pedras amareladas de enxofre e os cristais salinos. Com os últimos raios de luz, esmurrou uma das maiores pelotas amareladas que pendia de uma pequena gruta, em cujo interior ainda intocado o doutor pensava encontrar cristais maiores.

Quando finalmente arrancou a maldita pedra de enxofre, porém, produziu-se um pequeno acidente: aquele torrão sustentava toda a estrutura superior da cavidade, que foi soterrada por areia, enxofre e sal.

— Diabos! — murmurou o doutor.

Agora que já ficara escuro de verdade, o doutor teve que empregar métodos mais arcaicos para detectar o sal. Todas as pedras que suas mãos encontravam eram levadas à boca e lambidas, e as que passassem por esse crivo continuavam sendo conduzidas pela mesma mão até um bolso no macacão. Matthaus trabalhava rápido, embora soubesse ser possível voltar à região dos aposentos guiado pela luminosidade dos quartos dos seus colegas.

Quem o visse ali certamente o tomaria por doido. Um senhor meteorologista de cócoras lambendo pedras como um cachorro era coisa até então inédita sobre o planeta; daria uma boa crônica caso houvesse cronistas. Ou melhor, se pudesse haver outra coisa disponível nas pequenas bibliotecas de leitura que não fossem revistas de entretenimento de qualidade duvidosa ou manuais técnicos. O planejamento tecnicista era perfeito! Todos concordavam que os computadores de leitura de *Nidus Aquilarum* deveriam ser a coisa mais aborrecida da galáxia. Outra gentileza de Hermann, que não parecia disposto a autorizar a assinatura dos caros canais de holorrádio que transmitiam do Sistema Solar.

O Dr. Matthaus já se dispunha a reassumir sua posição de animal racional quando as suas mãos tocaram algo anormalmente regular misturado naquele monte de pedregulhos. Cavando um pouco, conseguiu puxar um objeto cilíndrico, áspero e que parecia oco. Tateou-o por alguns minutos na escuridão, tentando entender o que era, e colocou-o finalmente entre as dobras do macacão. Deu meia-volta e dirigiu-se apressado para o seu quarto.

La tentando investigar esse tubo e, conforme se aproximava do sistema residencial, a luminosidade cada vez maior ia revelando-lhe algumas características. De fato, era metálico, embora seu lustro estivesse seriamente comprometido pela ferrugem que o carcomia. Estava incrustado de areia, tinha aproximadamente trinta centímetros de comprimento por dez de diâmetro e era bastante leve, o que levava o doutor a supor que não era maciço.

Cada vez mais intrigado, Matthaus entrou no seu quarto, esquecendo-se até do jantar que o esperava há uma hora no refeitório. Vivia numa célula fibrosa de cinco por cinco, com um pé direito de dois metros. Uma cama, um armário de pertences pessoais, a cabine de higiene e uma pequena escrivaninha automática coberta com uma parafernália de objetos eletrônicos e discos de informação e artes estavam à sua disposição para tentar fazê-lo repousar após o expediente. As únicas companhias não planejadas eram as figuras e estatuetas de animais lendários que pululavam aqui e ali pelas paredes, e era o que permitia distinguir o quarto do Dr. Matthaus dos sessenta outros que o amuralhavam ao redor. Verdade seja dita, eram bastante confortáveis, sobretudo se comparados com as estreitas fatias disponíveis nas estações como *A-Styx*, com a vantagem adicional de estarem cercadas por atmosfera de verdade em lugar do negrume vazio do espaço aberto.

O doutor sentou-se diante da escrivaninha, movimento esse que fez com que se acendesse uma lâmpada de mesa e ativasse o computador que comandava aquela festa de brinquedos

científicos. Segurando firmemente o tubo com uma das mãos, esfregava-o com a outra para limpá-lo da areia vermelha. Além de emporcalhar o chão, conseguiu descobrir que o tubo tinha uma espécie de tampa em uma das extremidades. Perplexo diante da insuperável simplicidade do sistema de vedação do tubo, começou a torcê-lo ao som de várias pragas aprendidas com a Dra. Noscese. “Onde será o lacre dessa porcaria?”

Finalmente desvendou o mistério da rosca. Dois segundos depois, tinha acesso à próxima etapa da aventura, constituída por um estojo de plástico preto fechado por um zíper, que obviamente estava emperrado. Custou ao doutor mais cinco infundáveis minutos de ansiedade e destreza.

Então, caiu sobre sua mesa um maço de folhas amareladas, com cheiro de coisa antiga. Eram manuscritos!

— Ora viva...

O que lhe causou no momento a maior impressão não foi tanto o eventual valor arqueológico que aquilo poderia ter. O mais incrível era ver a maior quantidade junta de papel em toda a sua vida; uma centena de páginas! Quem escreveu aquilo devia ser muito rico, pensou Matthaus, como o Dr. Hermann, em cuja sala fora apresentado a esse lendário material, ao ser informado da sua incorporação a Nidus Aquilarum. O extravagante Anthony Hermann era talvez o único homem num raio de dois anos-luz que ainda passava instruções aos seus subalternos em pequeninos bilhetes, e que tinha como passatempo a arte de empunhar uma caneta e rabiscar caracteres.

Matthaus contemplou aquela seqüência misteriosa de símbolos, com uma pontada de pena. Sabia das determinações do Programa, no seu artigo décimo oitavo: “qualquer material encontrado que pudesse sugerir a existência de vida animal ou vegetal, presente ou pretérita, sobre a superfície do planeta durante os processos de recuperação deveria ser *imediatamente* encaminhado ao controle do Programa”, em A-Styx. Matthaus nunca se preocupara com isso porque nunca lhe passara pela cabeça que algo desse tipo pudesse existir naquele beco árido, mas agora que parecia ter descoberto algo, o senso de posse começou a manifestar alguma rebeldia.

Continuou, pois, a análise. Fosse qual fosse a língua em que estavam escritos, estavam muito bem escritos. Reconheceu a maioria das letras do seu alfabeto, embora algumas lhes fossem completamente inéditas, talvez pela caligrafia ou talvez pela desapareição. As letras e sinais estavam aglomerados em palavras incompreensíveis, e todas as páginas estavam numeradas. “Uhhmm!”

O doutor franziu a testa e estalou os dedos: lembrava-se de que nas estações Kazav nem todos os habitantes conseguiam se comunicar uns com os outros, pois nem sempre empregavam os mesmos protocolos de comunicação. Na altura em que ouvira isso, pareceu-lhe mais uma daquelas esquisitices que pareciam ocupar o tempo dos terráqueos, que ainda se obstinavam em passá-las adiante.

Mas agora, com todos esses papéis para serem decifrados, Matthaus pensava se aqueles textos fariam sentido para alguns daqueles grupos de Kazav. Ou o seu significado se decomporia junto com o papel em que estavam escritos?

Seu primeiro impulso, meio ilógico, foi ir ao quarto de Lola para perguntar-lhe o que deveria fazer, mas freou-se porque já conhecia a temida resposta. “*Ficou louco, Mat? Dé isso para Plutão, e pronto!*” Ajeitou-se melhor na cadeira, tomou uma das folhas e colocou-a sobre o leitor ótico da escrivaninha, cuja presença no aposento era sinal inequívoco de que aquela pessoa era subordinada de alguma forma a Anthony Hermann. Como este sabia que qualquer informação passada à Nidus Aquilarum deveria ser catalogada, parecia divertir-se em aborrecer Noscese enviando os seus comunicados sempre manuscritos (embora nem sempre em papel), ao invés de usar o holorrádio como qualquer outro burocrata da estação.

Matthaus passou então dez minutos bisbilhotando todos os recônditos do seu computador que pudessem ajudá-lo com traduções de textos. E, para seu júbilo, a máquina levou pouco mais que dez segundos para identificar o dialeto, apresentando o diagnóstico em letras negras. Fora escrito num idioma que Matthaus nunca ouvira falar; de acordo com o impassível assistente digital, era uma derivação tardia do tronco latino (fosse o que fosse isso), etc, etc, etc... e cuja estrutura persistia numa amálgama falada por sessenta e dois vírgula sete por cento dos homens de Kazav.

Após outras informações de cunho filológico, o computador perguntou-lhe polidamente se desejava verter o texto para seu próprio idioma.

Em êxtase, o doutor disse que sim, e passou alguns minutos ajudando a máquina a trabalhar, pondo e tirando folhas e mais folhas dentro da leitora do aparelho. E quando finalmente terminou, compôs o texto e voou até o refeitório para pegar um pacote de qualquer coisa para acalmar o estômago, voltando ao quarto em seguida.

Na parede em frente à sua escrivaninha, estava pendurada a mais bela de todas as figuras que conseguira até então. Um Dragão Dourado, dormindo pachorrento sobre uma montanha incrível de ouro e jóias, a ilustração expressiva da felicidade serena, se bem que um tanto materialista, daquele que estava deitado sobre o seu tesouro, o sentido da sua vida. Agora era a companhia mais próxima do Dr. Matthaus, que por um momento compreendeu sua tranqüilidade, e sentiu-se vagamente identificado com ele.

Sentado novamente diante da tela do computador, começou a ler a história de Derek Alexandersson.